

QUINTA-FEIRA
Lisboa--15 de Outubro de 1931

5 TOSTÕES

6.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

de Alva
232



sempre
o lince semanário humorístico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. 20271, 20272, 20273
RUA DA ROSA, 57

“Fado da Mouraria,”



A má estrela, a fatalidade — o Fado da Mouraria — teve afinal uma sorte estupenda: encontrou a riquíssima pena de Norberto de Araujo, que o descreveu em páginas de grande emoção, verdadeiras aguas-fortes de mestre. Obra dedicada aos «olhos bons», observada com olhos de lince, e que vale um dinheirão aos olhos fechados.



Os ditos da semana



Chimpazés No «Diário de Notícias» apareceu ha dias um bom reclame ao Jardim Zoologico, com o seguinte sub titulo:

Oua gente se parece com os chimpazés ou os chimpazés se parecem com a gente

Os chimpazés são, sem duvida, uma grande atracção para o publico frequentador do Jardim Zoologico. E, dessas atracções, é que vive o Jardim, porque os biches são tão parecidos com agente que até comem. E' pois necessario que o publico pague a sua entrada do Parque das Laranjeiras, para que aos macacos não falte o amendoim, e aos pintasilgos o painço. Mas é tambem necessario que a Direcção do Jardim tome as suas precauções para que o publico não gose os chimpazés sem entrar lá dentro. E nós temos observado que todos os dias e a todas as horas se pode ver um chimpazé, por fora ou por dentro das grades, a porta do parque das laranjeiras.

Ha pessoas que chegam lá e se dão por satisfeitas com o primeiro que encontram e já não entram.

Repare o leitor quando passar por lá.

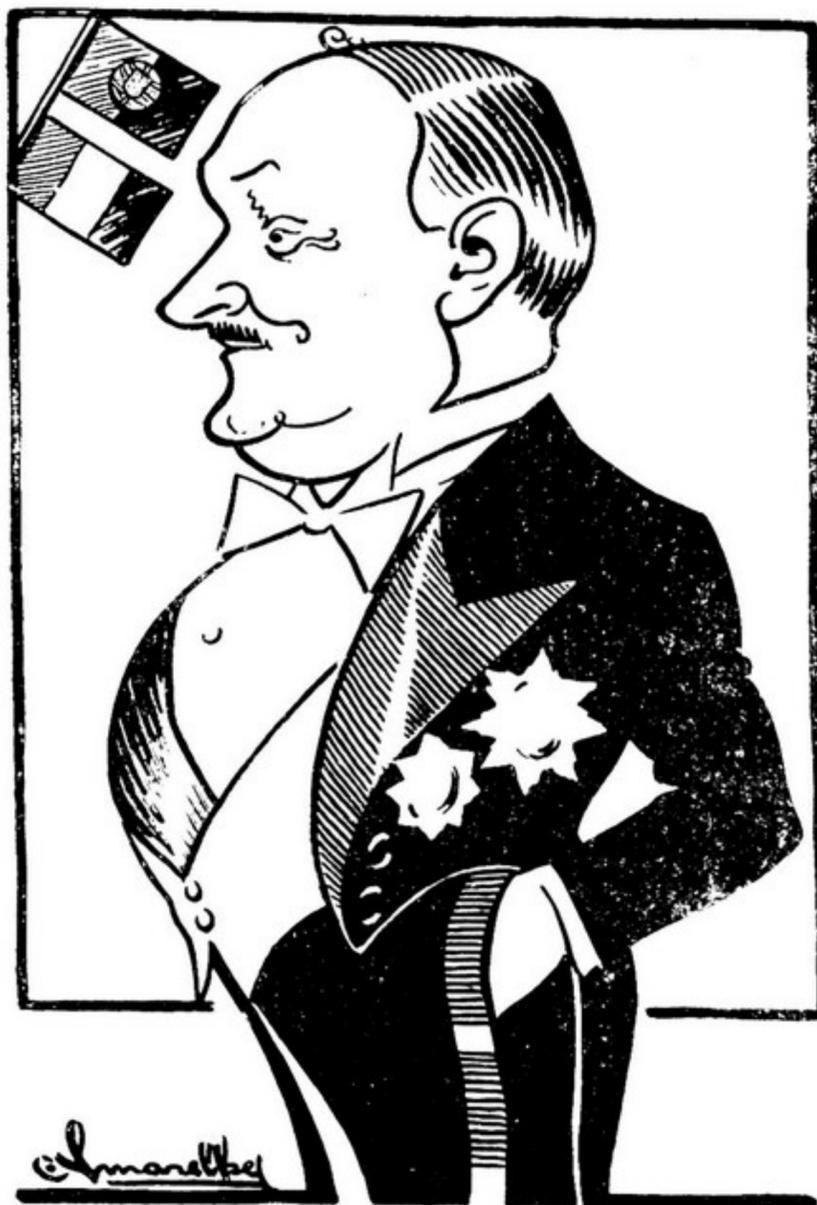
Ou aquele se parece muito com a gente, ou a gente se parece muito com ele...

Remedio facil As Associações Operarias de Samora Espanha, ameaçaram com a greve geral no caso de se realisar a procissão da Virgem del Transito.

A greve geral é um meio de combate ha muito consagrado, mas lamentamos que, por tão pouco, se movimente toda a classe operaria de Samora, quando, com muito menos trabalho e especialmente com muito menos riscos, se conseguiria o mesmo fim. Bastava colocar em todas as esquinas uma taboleta daquelas que dizem «Direcção prohibida». Desde que fosse em todas, acabava o transito.

Maus caçadores Em Nave de Haver, foi preso um caçador por não se achar munido da competente licença. Como se recusasse a pagar a multa que lhe foi imposta, meteram-no entre dois soldados e fizeram-no seguir para a séde do concelho, mas o caçador que já se tinha fartado ao cumprimento das posturas, furtou-se tambem ás

Mr. Eugène Pralon



O illustre diplomata que representa a França entre nós. Todos os portuguezes fazem votos para que tão cedo não vá o sr. Pralon p'ra longe de nós.

vistas dos soldados, fugindo. Estes fizeram sobre ele dois tiros de espingarda mas não conseguiram acertar-lhe, não conseguindo portanto caçar o caçador.

E' de crer que, se se invertessem os papeis, talvez o caçador caçasse os soldados.

Tudo artificial Os italianos vão crear um lago artificial—mas coisa mais catita do que o do Parque Eduardo VII—com seis quilometros de extensão. Já se cortou o Suez, já se cortou o Panamá, já se roubou um bocado ao mar para fazer a Holanda maior, já se esgotou o lago Lami, para tirar as galeras de Caligula quando ha para ai tanta galera que se podia dar de presente aos italianos, e já se pensa em baixar o nivel do Mediterraneo.

Por este andar qualquer

dia o mundo desequilibra-se.

Nada nos admirará que ainda se reboque a Africa para o Polo para aquecer o Polo e refrescar a Africa e se ponha o Panamá na cabeça do Himalaia pelos mesmos motivos.

E' depois de tudo isto o que fica de natural no mundo?

—A asneira que é de todas as latitudes e de todos os climas.

Anuncios Assuntos de mais palpitante actualidade tem-nos feito pôr de parte a preciosa materia prima que, neste assunto nos proporciona diariamente o nosso fornecedor habitual.

E de hoje já não passa. Vamos a eles:

Cavaleiro

De idade deseja quarto e pensão, casa de banho, retrete, tratar de roupa, electricidade e mais comodidades, em casa de senhora ou senhoras sem mais hospedes.

Carta indicando preço á R. Augusta, 270, 1.ª a E. B. 10242.

Com que então sem mais hospedes?! O «cavalheiro de idade», apesar disso, quiere ser o regulo daquela libata, o sultão daquele harem, sem mais ninguem que o encomode, que lhe pize os calos, ou lhe faça concorrência, seguindo o velho adágio de que cada capoeira não precisa de mais dum galo.

E o «cavalheiro de idade», apesar disso, não treme, não vacila, não se assusta com as responsabilidades?

Ora o Gungunhana!
Ora o Barba Azul!

Aos caçadores

Vende-se em perfeito estado por 3.000\$00, um automovel com capota que tem porta 8 pessoas. Para tratar com o Sr. Filipe.

Ora aqui está um carro que convem a qualquer pessoa. Vê-se logo que é um carro de força. Quando ele, so na capota, aguenta com oito pessoas, quantas não sera capaz de levar dentro?

Ensina-se

Lêr e escrever adultos, nocturno, instrucção primaria, menores, diurno. Sexo masculino, preços modicos. Rua do Caval, 123.

Lêr e escrever adultos, nocturno?!

Instrucção primaria menores, diurno? Sexo diurno preços modicos?! Lêr masculino? Menores nocturnos? Escrever preços adultos? Instrucção masculina a preços menores? —Ensina-se a lêr e a escrever? Assim?

Tia

Rapido Santarem dia 5.—Tarta suavidade nos seus lindos olhos! Para onde lhe posso escrever? Diga para R. Augusta, 279, 1.ª, a C. G. 10999.

Então isso faz-se á tia?

Aparece brevemente:



Edição da Renascença Grafica-Lisboa

THEATRO

«RETROZ PRETO...»

ALICE OGANDO

OCORRE ha poucos dias uma cena de pugilato entre dois artistas.

Pela sua continuidade, vão-se tornando banais. Como exemplo de camaradagem é edificante...



MAI um que vai enfileirar nas hostes teatrais.

O pintor Martinho da Fonseca vai começar a pintar cenários.

«O teatro é tão bonito
Tão bonito o maganão...»



DEVE embarcar no Rio de Janeiro para Santarem, a bordo do L'Atlantique, o actor Rafael Marques.



UM actor-eristurgo que recentemente esteve trabalhando no Porto, ia de casa para o teatro de alpergatas, possivelmente por uma questão de comodidade.

Aos sapatos—porque ele tinha sapatos—trou-lhes a sola e fô-pô-la de mólho...

Sim, porque, ás vezes, quem sabe... O diabo seja cego e surdo. Pedia ser que aquilo por lá não desse, e á falta de melhor...

Eram muitas bocas a comer...



O Costinha vai, ao que nos consta, estreiar-se esta epoca como cantor numa companhia de ópera.

Está com uma linda voz de contralto...



OS artistas que foram ao Brasil, na companhia Adalina-Aura Abranches, tem toda a preocupação de fazer qualquer coisa mais do que representar...

Por exemplo:

A Aura Abranches faz peças. A Alice Ogando faz versos. Pinto



—A Maria bem se vê que, na outra casa os seus patrões andam sempre atrás de si.

—Sim, minha senhora. Até o senhor me beijava sempre no pescoço!...



a poetisa-actriz que a colonia portuguesa do Brasil recebeu com grandes demonstrações de simpatia

Grijó faz as contas da folha da companhia, e Rafael Marques faz projectos para vêr se vem a Santarem e vai num dia só.



O novo fonofilme português *Campinos* também mete tourada...

Se calhar agora é moda. Mas desta vez não vão de chapéu á patuleia.

Lá voltamos a vêr os meninos e as meninas que padecem de cinefilia a encherem a praça e a fazerem esgares e monices que são—dizem eles e elas—gestos e atitudes á Ramon Navarro e á Greta Garbo.



A Hortense Luz vai singrando por essas terras de Africa.

A *tournee* tem sido proveitosa para todos, mas principalmente para os bailarinos, que, já aprenderam as danças características de Africa.

Ao que nos informam, o Eugenio Salvador já tirou o diploma de preto e aparece-nos aí, qualquer dia, a dançar o *charleston* melhor do que o Harry Fleming...



TEATRO historico.

Constanos que, dada a quasi impossibilidade de, entre nós se fazer actualmente teatro desse genero, a peça que, brevemente, vai ser representada num teatro de Lisboa, intitula-se *Leonor Fe-*

lix e não *Leonor Teles*, como por lapso se tem dito.



NA Sociedade dos Autores, mais uma assembleia geral e mais um conflito...

Alguns escritores, a certa altura, abandonaram a Sociedade.

Logico.

Já tinham abandonado o teatro, deixando de escrever...



O Vasco Sant'Ana que já interpretou o «Português da America» e o «Português da França», vai dedicar-se exclusivamente a interpretar portugueses de varias nações.

O primeiro que vai desempenhar é o «Português dos Estados Unidos da America do Sul».



A companhia Maria das Neves continua a aumentar.

Foram já contratados mais quatro artistas.

Foram também contratadas mais coristas.

E foram também contratados mais escritores... para juntar aos que já lá estão.



OS carpinteiros de cena dos teatros de Lisboa, vão, ao que nos consta, promover uma homenagem a Samwel Diniz, dado o geito que ele tem para arranjar cenas.

Nesse dia, o Samwel vai ser promovido a *carpinteiro honorario*.



O José Gambêa anda com duas manias.

A primeira é infensiva. Quere apenas deixar de ser José e passar a ser Inacio.

A segunda é um pouco mais perigosa. Pretende abandonar a carreira teatral e abraçar a carreira diplomatica. Quere por força ser consul de Portugal em Montenegro.



DIZ-SE que, em sinal de protesto contra não sabemos o quê, o escritor teatral Eduardo Esculapio (Fernandes) vai deixar crescer as barbas.



PORQUE será que es artistas da companhia do Variedades passam os dias sentados ao pé do candieiro?

Não seria melhor que eles aproveitassem as tardes a ensaiar o *Mexilhão*?



FALA-SE na reposição da opereta *A Severa*.

Tambem se diz que *A Severa*, drama, vai qualquer dia á cena. E por outro lado é certo que o filme *A Severa* tambem volta a ser exibido.

Temos a honra de apresentar ao sr. dr. Julio Dantas os nossos cumprimentos.



OS artistas da companhia Hortense Luz, que anda por Africa, passam os dias em caçadas ao leão, mas até agora ainda não mataram nada.

Não admira!

Quem serve de isca é o Alberto Ghira, e os leões nunca gostaram de ossos.

INTERIUM



—Porque motivo se atreve o senhor a namorar a minha filha?

—Porque moro no prédio em frente.



— Ai, esta porca da libra que me atraçou!
— O' filho olha que não é bo-vito ofender quem cai...

O COICE

Durante os exercícios de tiro no quartel, o instrutor, temendo justamente qualquer precaução derivada da ignorância dos recrutas, previne-os de todos os perigos a que estão sujeitos, recomenda-lhes cautela e muita prudência, não vá haver qualquer desastre. Mas um deles, tapado como meia dúzia de portas sortidas, não faz senão asneiras, que lhe podem sair caras. E o instrutor mais uma vez explica que tenham cuidado ao disparar, porque a espingarda, com o recuo brusco, pode deslocar-lhes uma omoplata ou fazer-lhes qualquer coisa. E diz para o tal que ganha a todos em estupidéz que deve ter cautela porque a carabina, quando dispara, dá sempre um coice, e pergunta-lhe:

— Sabe o que é um coice?
— Um coice é cando se dá com as patas p'ra traz, meu comandante.

— Quando se dá, não. Quando tu dás, naturalmente. Mas neste caso eu fale do coice que a carabina dá quando di-para, percebeeste? Ora toma cautela.

Ma, fazer aquela recomendação a um tronco d'arvore ou fazê-la ao tapadíssimo recruta, era quasi o mesmo. E pouco depois, ao disparar-se o fumo da descarga produzida á voz de fogo do instrutor, deu este com o recruta caído por terra e num berreiro de garoto a quem tivessem chegado a roupa ao pélo.

Então, o comandante, percebendo que, do tal cuidado que recomendara, ele não tomara nenhum, e que o recuo da arma o tinha desta fórma, derrubado, perguntou-lhe o que vinha a ser aquilo.

Mas o atarantado tarata, num erranto desfeito, só bradava entre soluços:

— Ora pó que a minha mãe n'havera de eriar... pa vir apañhar coices... duma clavina...



O «Pachá» cumprimenta respeitosa-mente Madame «Abdula»...

Chegou o Outono...



Cáem as folhas e cai muita mulher bonita devido ao vento indiscreto...

OS TONS VIVOS

A D. Micas, hipopotamica matrona que transpuzera já o tormentorio cabo dos 40, muito embora afirmasse a toda a gente masculina e feminina que apenas acabava de entrar na residencia dos 30—a D. Micas, pois, resolveu ir nessa tarde tranquila mostrar pelas ruas da Baixa o volume bem fornido das suas carnes limpas, metidas e comprimidas dentro da elegancia do seu vestido novo, por sim! vermelho, cor da moda das que podem andar á moda.

Vestido vermelho, vermelhas as maçãs faciaes, unhas vermelhas e vermelhissimos os labios sensuais, vermelhos tambem e ainda o chapu e a sombrinha achineza-da e minu-cula. D. Micas lembrava autenticamente uma bravia papoia campestre... ou a cultivada flôr da sardineira dos jardins.

Por sete e meio—giria moder-na de passageiros e condutores—um electrico a transportou e a depositou num dos ventriculos do coração da cidade, ou seja no Rossio.

Mal D. Micas se apeara e dera os primeiros aristocratizados pa sos em direitura ao Arco do Bandeira—eis senão quando um senhor policia não sinaleiro lhe fez sinal de paragem. Ela estacou automatica e instantaneamente, interrogando:

— Que ha de novo?
Então abeirou-se o policia civil, que, mesmo á paisana, nunca pode ser civil, e disse civilmente:

— Tu passa já cá p'rás unhas cem palhaços, mete-te num taxi e vai a casa mudar de albarda, que isso tudo que trazes no pélo não pcede andar á solta na via publica.

D. Micas estarreceu.
— Hom'essa!
Mas o senhor guarda afinhou logo:

— Hein! Hcm'essa nem mulher'essa!
E rapando do bolso um papel sebento:

— Ora escuta lá este bocadinho de oiro dum edital da *Câmara Municipal*, datado com data de 19 do falecido mês de Maio deste ano que Deus conserve por muitos anos e bons.

Leu pimponicamente:
«A *Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Lisboa* faz saber que, atendendo a que em materia de coloração exterior, é preceito generalizado que se evitem os tons vivos, principalmente os vermelhos, quando revistam largas superficies...»

E comentando com gestos adequados:

— Pois a minha flôr vem re... vestida de tons vivos da costa, principalmente vermelhos, e revestindo uma larga superficie e até um largo volume—e não quere pagar os cem paus da ordem?

D. Micas empertiga-se com aprumo:

— Oh filho! Para onde tu vens co'essas trêtas!... Eu tambem li o edital, que está espetado ao pé do chafariz do Rato...

— E depois?!
— Depois o edital continua:— «a não ser quando essa coloração convenha para chamar a atenção dos transeuntes...»

E rematando, olimpica:
— Ora precisamente o que me convem é chamar a atenção dos transeuntes, porque ando no exercicio da minha profissão... de menina casadoira!

O policia, cabisbundo e meíta-baixo:
— Queira v. ex.ª desculpar e seguir o seu itinerario...

ANTONIO AMARGO

Graça dos outros

O editor:— Meu senhor, os seus ditos de espirito são originaes e bons...

O colaborador sorri e empertiga-se.

Mas—continua tranquilamente o editor—os que são bons rão são originaes e os que são originaes não são bons!

* * *

Pretendente sem vintem:— Venho dizer a v. ex.ª que amo sua filha ha muito tempo já e desejo torná-la minha mulher.

O ricaço:— Como se entende isso, se eu não tenho filha nenhuma?!

Pretendente sem vintem:— E' boa! Disseram-me que tinha!

* * *

O Soares:— Ha uma quantidade de raparigas que estão dispostas a não casar nunca.

O Rocha:— Como sabes?
O Soares:— Não pode haver melhor prova. Eu declarei-me a umas poucas!

* * *

O Veiga:— Onde arranjou você esse chapu de chuva, ó Silva?
O Silva:— Porquê? E' seu?

* * *

Edmundo:— Tenho reparado que não fumas agora, rapaz.
Leopoldo:— Não. E' um habito tão efeminado, não achas?

* * *

Alvaro:— Quais são os anos que tu consideras os melhores da vida de uma mulher?

Rodolfo:— Parece-me serem os primeiros: cinco em que ela tem dezito.

* * *

— E como vai seu marido, sr.ª Catarina?—perguntava uma vizinha a uma mulher cujo marido era um permanente invalido.

— Ora, umas vezes está melhor e outras pior—respondeu ela.— Mas, pela fórma porque rabuja e se impacienta quando está melhor, parece-me que está melhor quando está pior...

* * *

Entre amigos:
— Sinto muito a morte de teu tio, meu caro. Parece-me que ele era bastante rico. O que te deixou?

— Não me deixou nada.
— Nada?... Então para que morreu ele?...

* * *

Um saloio veio a Lisboa. Admirado de ver tantas farmacias, quando chegou á terra não poudo deixar de dar largas á sua admiração, dizendo num grupo em que se achava:

— Todas as boticas de Lisboa pertencem a um tal Farmacia, que, pelos modos, deve ser muito rico!...

* * *

O moço de um lavrador estendeu-se com toda a comodidade debaixo de uma arvore muito frondosa, onde foi surpreendido pelo patrão.

— Ah! Mariola! Estás mandriando enquanto os teus companheiros trabalham? E' indigno da luz do sol.

— Pois por isso mesmo me estendi á sombra...

Elevador da Gloria

No hotel:
 O hospede: — Um amigo recomen-
 dou-me o seu hotel, dizendo-
 me que era muito bom. E afinal
 não presta. Nem a comida, nem
 os quartos.
 O patrão: — E é a mim que vo-
 cê diz isso?! Vá queixar-se ao seu
 amigo...

★ ★ ★

Entre amigas:
 — Daria a metade da vida para
 ter o cabelo loiro!
 — E eu daria outra metade pa-
 ra ter outro nariz!
 — E o que fazias tu com dois
 narizes?...

★ ★ ★

Na rua:
 — E' fantastico! Deixei de usar
 barba e bigode, trago olhos azuis,
 e tu reconheceste-me?
 — Sim, homem, pelo meu guar-
 da-chuva!...

★ ★ ★

— Fizeste muito bem em trazer
 o teu marido para a serra para
 se fortalecer. Disseram-me que,
 quando ele estava na cidade, per-
 dia, por vezes, a cabeça...
 — A cabeça e o resto. Só che-
 gava a casa ás três horas da ma-
 ãnada...

★ ★ ★

Ela: — Gostava muito de pilo-
 tar um aparelho. Constatias que
 fosse um desporto tão perigoso?
 Ele: — Com muito gosto!

★ ★ ★

— O sr. ministro deve concor-
 dar que é um pouco avaro?
 — Não, senhor, não sou mais
 do que um economista avançado...

★ ★ ★

— Advirto-te que o nosso amigo
 amigo Mexias, aqui presente, é in-
 tensível ao elogio.
 — Ah, não gosta?
 — Não; é surdo!...

★ ★ ★

No atelier do pintor:
 — Este é o retrato do Antunes
 Ambrosio?
 — Sim, senhor!
 — Pois ninguém diria! Você
 põe-lhe as mãos nos bolsos, quan-
 do de costuma pôs as mãos nos
 bolsos dos outros...

★ ★ ★

Entre amigos:
 — Aqui onde me vê, acabo de
 estar muito perto da morte!
 — Como assim?
 — Venho de enterrar a minha
 terra...

★ ★ ★

José: — Aposto uma caixa de
 charutos como este que estou fu-
 mando...
 João: — Não aposto!
 José: — Tens medo de perder?
 João: — Não, de ganhar...

★ ★ ★

O fim do veraneio:
 Ela: — Escreva-me! Não se es-
 queça de mim!
 Ele: — Juro-lhe que não! Mas
 diga-me: qual é o seu apelido?...

★ ★ ★

No hospital, na enfermaria dos
 constipados:
 O da cama n.º 1: — Chovia! Não
 quiz tomar um taxi, por econo-
 mia... E aqui estou... E você?
 O da cama n.º 2: — Eu, tomei
 um taxi...

Quem dá o que tem...



Bons tempos aqueles em que eu oferecia uma ma-
 deixa a cada uma das minhas amantes!...

Os bancos da Avenida

Oferecendo-se generosamente ao
 cansaço dos lisboetas, os burgue-
 sissimos bancos da Avenida mere-
 cem bem que lhes dediquemos
 alguns minutos e algumas pala-
 vras.

Muito mais solidamente insta-
 lados e fixos do que outros «Ban-
 cos» que nós conhecemos... de
 vista, os bancos da Avenida tam-
 bém têm as suas horas de ex-
 pediente... amoroso, as suas sec-
 ções de letras com a sequencia
 necessaria da correspondência,
 que mais tarde se juntará no ar-
 quivo, no grande arquivo das car-
 tas de amor, por vezes até por
 culpa da secção de Informações,
 que é, quasi sempre, chefiada
 pela mamã...

E para em tudo se assemelha-
 rem aos tais «Bancos» que citá-
 mos, até o cambio lhes não é in-
 diferente! Assim, ha os bancos
 gratuitos; ha os que, por terem
 um asilado ao lado, já merecem
 uma corôa, como qualquer sim-
 patica rainha de qualquer coisa; e
 até aqueles em que, por terem
 uma mesa em frente e uma fan-
 farra a tocar, já não permitem
 franquezas, porque o franco sobe,
 e se vamos acompanhados temos
 de pagar uma cerveja... «ao
 par»...

São, por tudo isto, interessan-
 tissimos os bancos da Avenida.

A' hera em que o sol os bate
 de chapa, é facil encontrá-los
 desocupados, prontos a receber-
 nos amavelmente e a assar-nos,
 com toda a boa vontade duma
 grelha...

E' porém muito mais interes-
 sante apreciá-los á tarde, quando
 os parzinhos amorosos e os ve-
 lhotes reformados buscam a som-
 bra acolhedora das arvores e a
 vizinhança, por vezes nefasta, da
 passerada...

É apreciar então a sua mis-
 são como elementos propícios á
 formação da familia e á propa-
 gação da especie... (Da especie de

«flirts» de que são, involuntaria-
 mente, os causadores).

Vêem acolá aquela pequena loi-
 ra que se faz acompanhar dum
 formosissimo «lobo de Alsacia»?
 F' certa aqui, todas as tardes! Lê
 Vitor Hugo, para fingir que é
 francesa. Já exigiu os cabel-
 los para fingir que é inglesa. E
 chama «gajo» ao cão, para mos-
 trar que é portuguesa. E o ani-
 mal, como sentinela vigilante a
 quem fosse confiada a guarda de
 um tesouro, não desfita os olhos
 da sua dona. (Dona Julia, segun-
 do me informam).

Eu não sei se a mãe ou o es-
 poso desta encantadora pequena,
 que terá vinte e poucos anos,
 têm confiança nela. Posso porém
 asseverar que tem com certeza,
 muita confiança no cão...

Mais abaixo, um soldado de ca-
 çadores 7 faz e possível por «ca-
 çar» uma promessa a uma genit-
 lopa, Juliana de sua graça. E a
 alegre criada vai lembrando
 mentalmente os soldados daquele
 regimento que já a quizeram «ca-
 çar» e conta: — caçadores, sete!

Noutro banco juntam-se, de
 mãos dadas, o verão e o inverno.
 Um velho de cabelos brancos en-
 tretém um gaiato com a explica-
 ção n.ºciosa das marcas e ca-
 racterísticas dos carros que pas-
 sam. Decididamente, o automobi-
 lismo está avançando assustado-
 ramente sobre o foot-ball!

E por aí fóra, enquanto se veem
 bancos, dura a «grande parada»
 dos amorosos, dos curiosos, dos
 cançados...

E á noite, por vezes nas noites
 frias de inverno, quantos sem lar
 não encontram nas tábuas du-
 ras dum banco a illusão dum leito
 que não existe, duma felicidade
 que os não bafeja!

Bancos da Avenida! A unica
 coisa que ainda ha em Lisboa
 acessível aos pobres!

ANIBAL NAZARÉ.



— V. deseja comprar uma
 tesoura?

— O' meu velho! De «tesoura»
 andamos nós todos cheios...

A escolha

Quem vise passar o Dionisio no
 Chiado diria, convicto:

— Ah vai um homem de di-
 nheiro.

O seu fato sempre ao rigor da
 moda, as calças muito bem vin-
 cadas e os sapatos sempre bri-
 lhanes, merecê dos esforços dos
 engraxadores, davam-lhe o ar
 de pessoa rica.

No fundo, porém, Dionisio na-
 tinha de seu e andava a mor-
 parte das vezes sem um centavo
 na algibeira.

Mas passeava sempre com o as-
 pecto de pessoa que não tem
 preocupações de maior, olhando
 as mulheres que passavam, e pa-
 ra ter um ar mais chic, fazendo
 com que a bengala desse imensas
 voltas.

Pois, ha dias, Dionisio subia a
 rua Nova do Almada, pendurado
 num charuto barato e gando a
 bengala grande movimento. Ia sa-
 tisfeito, contentissimo...

Mas, como o bem nem sempre
 dura, num dado momento a ben-
 gala fugiu-lhe das mãos e foi ba-
 ter ruidosamente contra um vidro
 dum estabelecimento. E, como é
 facil de soar, ficou o vidro feito
 em estilhaços.

O Dionisio ficou branco, azul,
 encarnado, róxo, amarelo, etc. Pa-
 recia o arco iris.

O dono da loja, espavorido, veio
 a rua, agarrando o Dionisio, que
 não teve coragem para fugir. De-
 pois, veio a policia. Discussão, tro-
 ca de palavras azedas, até que o
 guarda já feito da questão, le-
 ven o Dionisio para a e-quadra.

O chefe adagou os bigodes e,
 voltando-se para o dono da loja,
 perguntou:

— Quanto vale o vidro que este
 senhor partiu?

— Oh! sr. chefe: cento e cin-
 coenta escudos...

— Bem — tornou o chefe — diri-
 gindo-se a Dionisio, o senhor tem
 de escolher: ou os cento e cin-
 coenta escudos ou a prisão. Vá,
 ande, o que é que o senhor esco-
 lhe?

— Já está escolhido — respondeu
 Dionisio sem hesitar — dê-me os
 cento e cinquenta escudos.



O empresario: — E que papeis
 desejaria fazer?

O artista: — Os de «galãs»...

Cacharolete

Eu às vezes fico azul,
fico mesmo azul e branco,
com as notícias que leio
sobre o nosso Ramon Franco.

Um dia quer fazer fogo
sobre o Palacio Real,
engana-se no caminho,
vem parar a Portugal...

Agora é republicano,
pouco depois comunista,
tem um posto militar
e é anti-militarista!

Aponta às gentes pasmadas
um programa-maravilha,
e, ao querer levantar as massas,
quebra uma pedra em Sevilha.

Outra notícia azarenta
nos veio agora de lá:
voltou a quebrar a perna,
ao abraçar Maciá.

Per duas razões fiquei
paralizado de espanto:
Ramon Franco foi saudar
D. Francisco, p'lo seu «santo»?

E pede um osso quebrar
por um sítio duas vezes,
quando eu só ouço o contrario
aos cirurgiões portugueses?

Se é assim, para evitar
outro caso desastrado,
o fogo o aviator
precisa ficar... soldado.

O HOMEM DOS TIMBALES.

«Ou bem que o pão é quente,
ou bem que o pão é fresco...»
quidra perfeitamente
no caso pitoresco.

Os cafés mais afamados,
destas ruas lisboetas,
alguns deles transformados
também em casas de fados,
têm nos vidros duas taboletas.

Quer seja em papeis decentes,
quer em cartões, pouco importa,
colam-se às montras patentes
ou aos inquietos batentes
do guarda-vento protector da porta.

Das taboletas, em suma,
já compreendo a razão:
Entrada franca! diz uma;
mas logo a outra se apruma:
deverado direito de admissão!

Se me dão a liberdade
de eu entrar e de sair
completamente à vontade,
quem se reserva em verdade
o direito de lá não me admitir?

E da duvida pendente
ponho-me então a pensar:
eu posso entrar... francamente,
ou não me deixam entrar?

ANTONIO AMARGO

Sortes grandes ?

so o PINA as vende

75 - Rua de S. Paulo - 77

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Lei: 20

Em 26 do corrente e dias seguintes, as 11 horas na estação desta Companhia em Lisboa, Caes dos Soldados, e em virtude do Aviso ao Publico A. n.º 131 de 25 de Julho de 1927, do Artigo 114.º da Tarifa Geral e do Artigo 9.º da Tarifa de Despesas Accessorias, proceder-se-á a venda em hasta publica de todas as remessas incursas nos respectivos prazos bem como de outros volumes não reclamados.

Avisam-se, portanto, os respectivos consignatarios de que poderão ainda retirar-los, pagando o seu debito á Companhia, pelo que terão de dirigir-se ao Serviço do Movimento, Repartição de Reclamações e Lendas na estação do Caes dos Soldados, todos os dias úteis até 24 do corrente das 10 as 17 horas.

O leilão realiza-se no Armazem situado no fim do molhe n.º 5 da referida estação de Lisboa, com serventia pela porta existente na rampa da Calçada de Santa Apollonia, defronte do gradimento.

Lisboa, 7 de Outubro de 1931.

O Director Geral da Companhia
Ferreira de Mesquita



— Venho avisar V. Ex.ª que encontrei o relógio que julgava roubado.

— Agora é tarde, o ladrão já está preso!...

DESSPORTOS

Os conflitos no desporto

É difícil encontrar em qualquer parte do mundo um meio desportivo tão agitado como o nosso, não obstante verificar-se no desporto português uma era de estagnação.

É uma praga de conflitos a ameaçar todas as modalidades desportivas.

O foot-ball — é o que se sabe — vive mais agitado do que um mar encapelado. Ninguém se entende e todos bradam que a razão está do seu lado.

No box, os do Norte ás turras com os do Sul e vice-versa. A respectiva Federação a dizer que tem autoridade, e os outros não lhe reconhecendo prestigio algum.

A natação, ainda ha pouco assaltada pela mais larga dissidência de que ha memoria, caminha amparada a muletas.

E para cumulo, como se tudo isto não fosse suficiente, ainda a «Volta a Portugal» em bicicleta, aliás involuntariamente e sem culpa alguma, quanto a nós, veio originar mais um conflito — um conflito no ciclismo.

A União Velocipedica está verdadeiramente furiosa. Pretende, á viva forza, ver os regulamentos curpidos. E, assim, qualificados independentes vinte e um corredores, que tantos foram, assim o pensamos, aqueles que tomaram parte na prova.

Lêmos, ha dias, as disposições legais que criam esta nova cate-

goria de corredores. E, com franqueza e sinceridade, aquilo é de rir a bandeiras despregadas.

Parece que esses corredores não mais podem receber do que 300\$00 em premios.

Quem conhece as exigencias do desporto de hoje, quem sabe as condições de vida dos atletas da nossa terra, não pode deixar de rir ao lêr esta: saborosas disposições...

Seja como fôr, é coisa certa. Temos mais um conflito a bater-nos á porta, que é o meio mais pratico no nosso Pais de se resolverem todas as questões desportivas...

★ ★ ★

O jornal desportivo *Os Sports*, referindo-se a um artigo de Virgilio da Fonseca, e depois de classificar essa prova como genero Briand para a Sociedade das Nações, publica um *suelto* que não resistimos á tentação de transcrever, pela ironia e graça portugueza que encerra:

«Só não percebemos muito bem o ultimo periodo do artigo do sr. V. F., quando diz: — *E os que não quizerem contribuir para o bom exito dessa missão, que ao menos não procurem arcar-lhes entraves.*

A ideia está um pouco obtusa... ou então é gralha do tipografo.»
De verdade, aqueles *arcar-lhes entraves...* é uma maravilha como *prosa virgiliana.*

JONICA.

Noticias do dia

Da provincia

Peoramentos locais

Continuam as obras de destruição da Praça da Liberdade, estando quasi concluido o descalçamento da rua e arrazada a ponte sobre o rio.

Incendio numa meda

Na herdade pertencente ao lavrador José Piegas ardeu ontem uma meda de trigo no valor de alguns milhares de escudos. Foi o caso que o José Piegas, em conversa com um amigo, mandou-o á meda. Este foi lá e, como ia a fumar, pegou fogo ao trigo, que ardeu.

O lavrador, em vista do incendio lhe ter torrado o trigo, resolveu fazer pão ralado por um novo processo que ele vai inventar.

Visiãntes

Passou hoje de comboio nesta linda vila, tendo deitado a cabeça de fóra da janela, o comerciante de Lisboa sr. Pinto Galo, cujos laços de amizade por esta terra são já de todos conhecidos. — (Correspondente).

Inauguração da estação telefonica

Está já organizada a comissão de festas encarregada de preparar os festejos por ocasião da inauguração da cabine publica de telefones. A inauguração está proxima, pois que a Companhia das Telefones já prometeu que daqui por uns anos começará a instalação dos fios telephonicos.

Luz electrica

Ontem, devido ao atraso do comboio, não chegou a tempo a esta vila o bidon de luz electrica encomendado em Lisboa, pelo que ontem esta linda e risonha vila das margens do lago do Mississippi esteve ás escuras.

Falecimentos

Ha já perto de duas semanas que cá não morre ninguem. Ontem houve uma conferencia entre o medico, o farmacoutico, o camgalheiro e o coeiro, sendo resolvido apresentar uma reclamação ao Governo, para tomar providencias, pois que esta resolução dos habitantes da vila eu não querem morrer vem aumentar mais a crise mundial.

As colheitas

N sta vila apareceram umas pessoas vindas do sul que, constituídos em *troupe* com o nome de «Os Pedibus Calcantibus», andam de vila em vila pedindo esmola. Nesta risonha terra fizeram farta colheita. — (Correspondente).

De passagem

Passou por esta vila, em direcção ao norte, a *troupe* familiar Os Pedibus Calcantibus. Foram muito cumprimentados. — (Correspondente).

Quereis dinheiro ?

Jogal no

Lama

Rua do Amparo, 51 — LISBOA

Sempre sortes grandes

Sortes grandes ?

so o PINA as vende

75 - Rua de S. Paulo - 77



— É para meu pai que vai morrer quando caírem as folhas das arvores.

— Porque não o levam para o Polo... Lá não ha arvores.



O lojista: — Estes pratos não se quebram, nem mesmo batendo com eles na cabeça duma pessoa...

A compradora (ante o pavor do marido): — Tem graça, que é mesmo desses que eu procuro...

A arte de roubar

Já ensinamos ao leitor como se rouba um automóvel. Já ensinamos também a roubar um carro eléctrico. Hoje, portanto, vamos ensinar a roubar uma grafonola. Esta é a terceira lição. Não varecendo, este é talvez, de todos, o roubo mais difícil. Porque, como toda a gente sabe que uma grafonola fala como qualquer pessoa de bem, pode muito bem ser que ela lhe dê para começar a gritar: *qui d'el-rei... qui d'el-rei...* e lá se vai a manobra toda por água abaixo.

A primeira condição para subtrair uma grafonola é a existência de uma. Sem haver a grafonola, não há roubo. Portanto, vá para a loja de discos e compre uma. Não se preocupe com o preço, pois a grafonola que compra não é para si, é para a vítima. Escolha a mais barata, a mais simples, a mais fácil de operar. Não se preocupe com a qualidade da música, pois a grafonola que compra não é para si, é para a vítima. Escolha a mais barata, a mais simples, a mais fácil de operar.

Para isto, vamos a uma casa onde se vendem esses aparelhos. Lá se encontra um velho português e muito delirantemente perguntamos ao caixa:

— Quanto custa uma grafonola para duas pessoas?

O caixa responde e, mal ele tenha pronunciado a última palavra, nós puxamos dum pistola e fazemos fogo por altura do balcão. O caixa cai a gritar que aquilo é uma traição, que não há direito, e outros insultos deste faz. Em seguida chamamos um polícia e dizemos-lhe:

— Faça favor de prender este senhor porque me está a insultar.

O polícia não faz mais nada, prende o caixa e dele já nós estamos livres.

Em seguida vamos para o pé duma grafonola e coloca-se-lhe um disco duma cantadeira. A grafonola foi toda aquela conversa com ar de fadista caído em desgraça e aí por alturas da décima sexta quadra a gente põe-se a disfarçar e a dizer assim como quem não quer a coisa:

— Tenho lá em casa uns discos novos, chegados da Alemanha, que são uma maravilha.

A grafonola ouve isto e pára de cantar. E nós, como quem não quer a coisa, voltamos a repetir:

— Aquilo, sim, é que são fados. Os alemães têm um gosto para cantar o fado! Aquilo só visto.

A grafonola, que anda mortinha por ouvir cantar bem, começa a agitar-se e nós não fazemos mais nada. Saimos para fora e tomamos o caminho de casa. E' certo e sabido que a grafonola vem atrás de nós. Ao chegarmos a casa, dizemos-lhe depois:

— Então veste ao cheiro do fado bem cantado?... Pois minha filha, agora já de cá não saís.

A grafonola, como pouco se importa de estar num ou noutro lugar, não esboça gesto nenhum e pronto. Aí temos nós uma grafonola roubada enquanto o diabo esfrega os olhos todos.

Facilíssimo. Só não tem uma grafonola quem não quer.

MANOEL DUQUE.

Praça do Brazil S. Bento

REMINISCENCIAS...

Ninguém as calça... que as não tire. Nisto de fazer reportagens ha, por vezes, escapanços gramaticais que só não são perdoados pelos que nunca se viram nos assados de ter que encher duas colunas de prosa com um assunto que mal dá para quatro linhas lineiras.

Aqui ha vinte e cinco anos, havia nos jornais de grande informação a febre das notícias a *sensation*. Uma colza de nada, duas facadas dadas no parceiro numa taberna de Mouraria, ou uma lamparina mandada a pretexto a uma desgraçada na rua da Atalaia, eram motivo para columna e meia de prosa, com retrato e tudo.

Ora succedeu que numa casa, em Alcantara, se dera um crime de morte, certa noite, de que fora vítima um desgraçado operario do Arsenal que o assassino deixara privado de facadas a entrada da sua residencia. A noticia chegou nos jornais lá alta noite, e o redactor de pizete avisou immediatamente o chefe da redacção de que do crime da que lhe fora commoado pelo *reporter* do *Governo Civil*, que era ao tempo a *velha* *Companhia*, muito baixo, muito gordo e muito comido, *os* *olhos* *que* *o* *nosso* *Constante* *de* *escrihava* *de* *passar*, *por* *o* *lugar* *um* *tipo* *curioso* *e* *destacado*.

O chefe da redacção de sua era, no jornal da manhã de onde occorriamos este episodio, um conhecido jornalista, então no auge da sua justificada fama de primeiro *reporter* dos jornais portugueses. Duas facadas, para ele, davam á justa quatro columnas certas e mesmo mais se o original fallasse na topografia.

Imediatamente o nosso amigo Ernesto Philippe meteu papel ao bolso, galgou a Alcantara e lá se rapidamente que pode, informou-se de tudo e, hora e meia depois, redigia, á pressa, porque o tempo urgia, a noticia do occorrido.

Ao outro dia, os leitores do jornal iam, entre varios pormenores, o seguinte, que reproduzimos sem lhe alterar uma virgula:

«O meio, que era operario do

Arsenal, foi encontrado, no primeiro patamar da escada, a gosar oito dias de licença. O assassino evadiu-se.»

Outra, não menos autentica do que a primeira.

No jornal da tarde *A Revolta* havia um *reporter*, muito servil, mas muito estúpido. Recado que se lhe mandasse fazer, dava pela cor a aneira grossa. Já na *revolta* o *reporter* crismado com a pizeteira a *velha* do «Zarolho», dava a sua *revolta* para ver e fazer ao contrario tudo quanto se lhe mandasse fazer. Ora, uma tarde, o director do jornal encomendou a um dos redactores a tradicção de um artigo para o jornal do dia seguinte, trabalho que o jornalista se propoz fazer, á noite, em casa. Para isso, ao fechar o jornal, chamou o «Zarolho» e disse-lhe:

— O'ha lá! quando saires, não te esqueças de me levares lá a casa o jornal — e deu-lhe um jornal francez onde vinha o artigo a traduzir — e mais uma perca de *linguadas*. Ouve?

O «Zarolho» pegou no jornal e, com um pouco de *mal-vontade*, respondeu:

— Certo, sim senhor...

— E vai para o seu lugar, moço bonito!

— Mas onde raio quere ele que eu vá agora a traduzir *linguadas*.

Horas depois, o jornalista chegou a casa e, logo de entrada, a mulher perguntou-lhe:

— Para que d'isso me mandaste lá p'que a estas horas?!

— Peixe?!

— Sim. Veio cá o «Zarolho» e trouxe-me uma pescada embrulhada num jornal francez, dizendo-me o seguinte:

— O' minha senhora: foi o que se pode arranjar. O seu marido queria que eu lhe trouxesse *linguadas*, mas eu só o que encontrei foi essa pescadita. Para a outra vez, ele que me mande mais *vela* á praça...

Tableau.

JOAO-JACQUES ROSSOU.



— Mas nós temos tratado os indigenas como se fossem brancos...
— Contiguem, que eles acabarão por tratá-los como se fossem pretos...

O veneno do habito

Cada habito que adquirimos durante uma semana é um veneno benéfico ou nocivo que por si só se acumula gota a gota num dos milhares de reservatorios existentes no nosso sub-consciente insaciavel. Eis a affirmacção dum sabio nada tólo e tão filosofo como hexigoso.

Não sei ao certo se tenho adquirido todos os meus habitos sentimentales, trimentales ou secularmente, o que é facto provado... e digerido é que possuo um pequeno gabinete químico... e bastante fisico, onde deposito continuamente todos os pequenos frascos e onde jantam... *beud* com os respectivos títulos os noventa e trinta e sete habitos e rielos que tenho adquirido com relativa facilidade durante a minha existencia.

Por exemplo, um dos primeiros frascos adquiridos para a minha coleção de alquimista foi um que dizia por fora — sim, porque ha outros que dizem por dentro — «Habito de meter o dedo no nariz». Neste frasco existia até um *post-scriptum* muito curioso: «P. S. — Este veneno foi adquirido quando na escola me enfiaram a cantar *O' escolas semeci* nesta altura o dedo entrava com mais forca».

Mais tarde, quando dava balanço ao laboratorio, quebrei involuntariamente o frasco de tão terrivel habito e, remedio santo, punca mais meti o dedo no nariz. Infelizmente o resultado foi contraproducente e o efeito da droga macabra — porque o carneiro estava caro — foi inverso.

Não julguem que comeccei a meter o nariz pelo dedo: isso seria um falangelicídio, mas desatei a meter o nariz em tudo, inclusivamente nas prateleiras da minha biblioteca... nacional. (Digo nacional e digo muito bem, é lá que leio eu, os visinhos do primeiro, do terceiro e quarto andar).

Cheirei, cheirei... e nada. Mas como isto se passasse em Faro, dei logo com o motivo porque o meu nariz não largava a presa, e tão presa ela estava que para a tirar de lá foram precisos cinco dedos de cá.

Era um livro velho e alquebrado, cu melhor atirado que se via perfeitamente ter sido posto ali cuidadosamente amarrotado.

O livro tinha na capa, em letras douradas a tinta preta, os seguintes dizeres: «O que o primo fez á prima». Comeccei a leitura com todo o entusiasmo dos meus doze anos em flór, mas o mais curioso é que o assunto desse ingenuo romance de amor era, ao principio, parecido com a minha vida romantica e da minha prima Isabel. Mais adiante é que foram elas. Aquilo passava a mais. Tinha o cerebro friccionado pela leitura violenta do romance, e' tanto o friccionel que, em dois dias, adoeci gravemente sem que me deixassem ver a minha prima, por determinação medica.

Ainda hoje conservo no meu laboratorio de alquimista e trapaceiro esse precioso habito adquirido aos doze anos. O rotulo é do seguinte teor: «Dá saúde e faz crescer».

JOSÉ ABREU DO AMARAL.

Diálogo



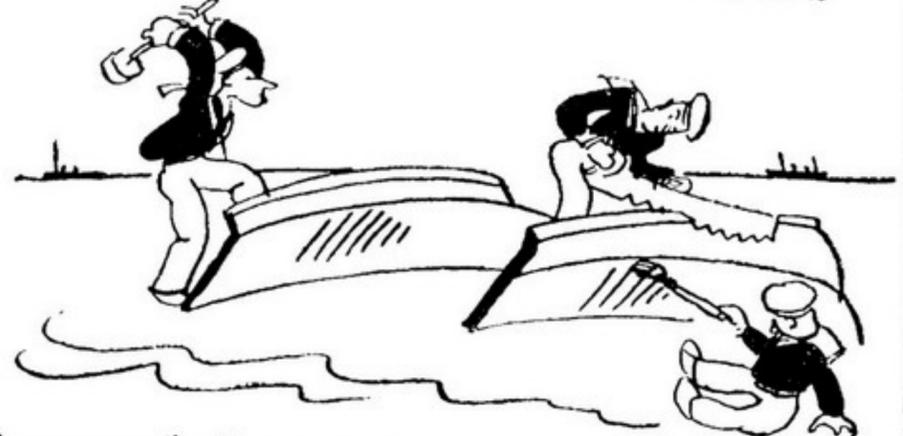
— Então, o que me diz ao que aconteceu ao «Esa»?
— Ora! Que por «essa» é que eu não esperava...

ECOS DA SEMANA

COMO FICOU EM MONTE AOS AÍIS EM AYAMONTE E DE BANDA, A BANDA DA BANDA DE LOULÉ



ESTÃO LANÇADAS AS QUILHAS DOS QUE HÃO DE QUILHAR OS QUE TENTEM QUILHAR... AS NOSSAS... "QUINQUILHARIAS"



JÁ ESTÃO FALADAS 3 SANTAS NAZARÉS PARA EVITAR A QUEDA DO CAVALEIRO LINHO.

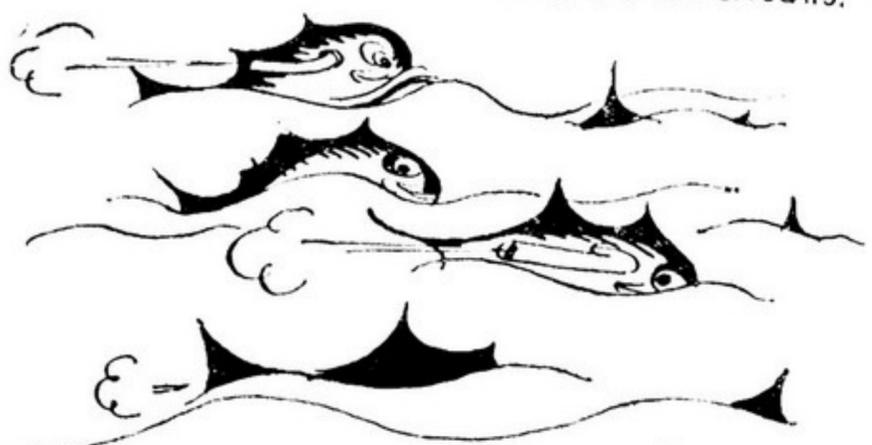
"PARECEMAL" NÃO DAR ESMOLA... MAS CHAMA-SE A ISTO AJUDAR A MISERIA... E O REMEDIO NÃO É ÊSTE...



NO CAIS DA ALFANDEGA JÁ SE TOMAM BANHOS EM AUTOMÓVEL DE LUXO. ESTA NOVIDADE NEM EM BIARRITZ!



UM GRUPO DE GOLFINHOS, EM CORRIDA ENGALFINHADA, FOI O MELHOR NUMERO DAS REGATAS EM CASCAIS.



A INSTRUÇÃO, EMBORA DE BOA APARENCIA, SENTE-SE UM POUCO ARREBENTADA PELO QUE, O SEU ANO LEITIVO SERÁ A FORÇA DE BIBERONS.



MELHOR QUE AS CORRIDAS, EM CASCAIS, SÓ A FUGA... PELO MAESTRO LACERDA

